

A necessidade de escrever um estudo sobre métodos numéricos deve surgir da geografia, já que livros sobre estatística não são difíceis de serem obtidos. Um livro como o do professor Smith se propõe a revelar, pela escolha de exemplos e a justificativa de sua inclusão, algo da reflexão básica sobre que problemas precisam ser solucionados. Há 2 aspectos do trabalho a serem considerados: primeiramente, até que ponto ele é eficiente em mostrar como utilizar o instrumental estatístico e, em segundo lugar, por que e quando utilizá-lo. Considerando os cardápios como uma leitura mais interessante do que as receitas culinárias, me dedicarei ao segundo aspecto, embora receitas culinárias sejam, em sua maioria, explicadas concisa e claramente, e, sem dúvida, funcionem. Em que circunstâncias deve ser usado cada elemento estatístico não é uma questão tão clara e, no mais abstrato nível, a razão pela qual alguns devem ser usados, em qualquer circunstância, baseia-se em certas premissas bastante controversas.

A “revolução quantitativa” modificou as abordagens em relação à geografia humana: o uso da estatística na descrição evoluiu para uma estatística inferencial, usada para investigar a relação entre conjuntos de observações. O professor Smith aborda tais assuntos com clareza. Entretanto, quanto à questão controversa sobre o tipo de observações, ele é excessivamente sucinto: “controlar o clima social ou a saúde social... para grupos de pessoas definidos por área de residência parece ser o desafio máximo às habilidades descritivas do geógrafo humano, dentro da época atual de interesse pela relevância social”.

Tal afirmação torna ainda mais relevante o tipo de reflexão no livro de Chisholm. Debates sobre os limites objetivos de qualquer disciplina acadêmica são, por unanimidade, improdutivos: mas se o elemento comum principal da geografia é a “área de residência”, a disciplina poderá não merecer sérias atenções. Todos os fenômenos ocorrem no tempo e no espaço, de modo que alguma outra base além da cronologia e da localização deve ser incluída, não sendo suficiente a “relevância social”. É claro que o professor Smith não se dispôs a escrever um estudo filosófico, mas qualquer livro de valor deve originar-se da filosofia de seu autor e, até certo ponto, expressá-la: ele, aparentemente, está preocupado com o que chama (p. 11) de “geografia humana aplicada ou esquema de disposições espaciais alternativas preferíveis para as atividades do homem na Terra”. Uma expressão bem fria. Quem as prefere? Através de que processos devem ser exercidas tais preferências e deve ser julgada sua aceitabilidade? “É” e “deve” são dois vocábulos diferentes — a veracidade das afirmações que contêm o primeiro pode ser testada; o mesmo não acontece com as afirmações baseadas no segundo vocábulo.

Os exemplos do professor Smith são freqüentemente retirados de campos onde os aspectos espaciais do problema pareceriam ser os menos complexos, e da competência de outros autores, especialmente os que se preocupam, por exemplo, com doenças ou organização social. Mas aceitemos o fato de que os interesses divergem: há muitas coisas reveladoras no livro, algumas técnicas, outras gerais. Portanto, em métodos quantitativos, “assumir que qualquer trabalho cheio de números e equações seja necessariamente teórico equivale a conferir-lhe uma posi-

ção que ele talvez não mereça". Isso pode ter sido um dos motivos da divergência dos "novos métodos" — em parte o tipo de problema a que se aplicam, em parte a implicação de que um tipo mais antigo de raciocínio verbal era menos profundo.

Visto que "a capacidade de usar métodos numéricos ocupa seu lugar ao lado das habilidades tradicionais", e já que somos todos bilingües, talvez as divergências sejam sanadas e os problemas externos forneçam o alvo comum. E, ainda assim, isso parece incerto.